

amor à segunda vista

série irmãos cane, livro 1

meghan quinn

Tradução de Joana Chaves

PRÓLOGO

LOTTIE



— **O**lá, miúda!
Hmm, não gosto da jovialidade na sua voz.
Do sorrisinho afetado nos seus lábios.
Do exagero do seu perfume tóxico e asfixiante.

— Olá, Angela — respondo, com cautelosa apreensão, enquanto tomo um lugar à mesa no seu gabinete.

Com um agitar do cabelo louro luminoso sobre o ombro, ela junta as mãos, a sua linguagem corporal transmitindo interesse, enquanto se inclina para diante e pergunta:

— Como estás?

Aquieto as minhas mãos sobre a saia justa vermelho-vivo e respondo:

— Estou ótima. Obrigada.

— Que bom saber! — Ela recosta-se na cadeira e sorri-me, mas não diz mais palavra.

O-K, mas que diabo se passa?

Relanceio para trás de mim para a fileira de homens de fato, sentados muito direitos nas cadeiras, com as suas pastas no colo, fitando a nossa interação. Conheço a Angela desde o secundário. Temos tido uma daquelas amizades *on-off*, sendo eu a vítima da camaradagem intermitente. Num dia, eu era a sua queridinha, no outro, era a Blair — que trabalha no departamento financeiro, ou a Lauren — que trabalha nas vendas e, depois, a amizade voltava de novo para mim. Éramos constantemente intermutáveis. Quem seria a favorita em determinada semana? Perguntava-me sempre e, de uma certa forma demente e doentia, sentia um sobressalto de excitação quando a ficha de favorita recaía sobre mim.

Mas porquê insistir numa amizade tão tóxica, perguntar-se-ão?

A resposta envolve três aspetos.

Primeiro — quando conheci a Angela, eu era muito jovem. Não tinha a menor ideia do que fazer numa viagem de montanha-russa tão alucinante. Agarrei-me simplesmente ao manípulo e aguentei firme, porque, verdade seja dita, conviver com a Angela era uma excitação. Diferente. Arrojado, por vezes.

Segundo — quando ela era afável comigo, quando estávamos profundamente embrenhadas na nossa amizade, passei alguns dos melhores momentos da minha vida. Crescer em Beverly Hills como rapariga pobre não propicia muitas aventuras, mas com a amiga rica que não ligava à minha carteira vazia e me acolhia no seu mundo — sim, era uma diversão. Podem chamar-me frívola, mas diverti-me nos tempos de liceu, apesar dos altos e baixos.

Terceiro — sou fraca. Tenho aversão ao confronto e evito-o a todo o custo. Por isso — levanto a mão —, aqui estou eu, um capacho às vossas ordens.

— Angela? — sussurro.

— Hmm? — Ela sorri-me.

— Posso perguntar-te porque me chamaste aqui e porque parece que tenho o FBI alinhado atrás de mim?

Angela inclina a cabeça para trás e solta uma gargalhada calorosa, enquanto a sua mão pousa na minha.

— Oh, Lottie! Como vou sentir a falta do teu humor.

— Falta? — indago, a minha espinha enrijecendo. — Como assim *sentir a falta*? Vais de férias?

Por favor, que seja esse o caso. Por favor, que seja esse o caso. Não posso dar-me ao luxo de perder este emprego.

— Vou.

Oh, graças a Deus!

— Eu e o Ken vamos para Bora Bora. Tenho um bronzamento marcado para daqui a dez minutos, por isso, temos de avançar com isto.

Espera, o quê?

— Avançar com o quê? — pergunto.

A sua expressão jovial converte-se numa expressão séria, o tipo de seriedade que não vejo frequentemente na Angela. Porque, sim, ela pode ser a cabeça do seu blogue de estilo de vida, mas não é ela quem faz o trabalho — são todos os outros. Assim, nunca precisa de ser séria.

Ela senta-se mais direita, o maxilar tornando-se tenso, e, por entre as espessas pestanas falsas, diz:

— Lottie, tu és uma verdadeira pioneira da Angeloop. A tua mestria atrás do teclado tem sido inigualável na empresa, e o humor que trazes a este vibrante e lucrativo blogue de estilo de vida tornou esta viagem a Bora Bora uma realidade.

Será que ouvi bem? Graças a mim, ela pode ir de férias?

— Mas, infelizmente, vamos ter de te deixar partir.

Espera... o quê?

Deixar-me partir?

Como em: deixar de ter um emprego?

Num ápice, três dos homens surgem junto de mim, de cada lado, flanqueando-me como seguranças. Com os seus ombros entroncados a bloquear-me, um deles larga uma pasta em cima da mesa à minha frente e abre-a, revelando uma folha de papel. Os meus olhos estão demasiado perdidos para considerar sequer ler o que diz, mas tentando adivinhar, penso que é uma rescisão.

— Assine aqui. — O homem estende-me uma caneta.

— Espera, o quê? — Afasto a mão do homem, apenas para que volte exatamente para onde estava. — Estás a despedir-me?

Angela estremece.

— Lottie, por favor, não faças disto um drama. Deves saber como isto foi difícil para mim. — Ela estala os dedos e uma assistente aparece como por magia. Angela massaja a garganta e diz: — Esta conversa deixou-me esgotada. Água, por favor. À temperatura ambiente. Limão e lima, mas tira-os antes de ma dar. — E, instantaneamente, a assistente desaparece. Quando Angela se volta de novo, vê-me e deita a mão ao peito. — Oh, ainda aí estás!

Hmmm...

Estou.

Pestanejando várias vezes, pergunto:

— Angela, o que é que se passa? Acabaste de dizer que te faço ganhar imenso dinheiro...

— Disse? Não me lembro de fazer tal afirmação. Eu disse alguma coisa do género, rapazes?

Todos eles abanam a cabeça.

— Vês? Eu não disse isso.

Acho que... sim, ahã, não sentem o cheiro? Isso é o meu cérebro a fumar, a trabalhar para lá da conta, tentando não PERDER O CONTROLO!

Com calma, e quero dizer... com toda a calma, peço:

— Angela, podes explicar-me, por favor, porque me vais despedir?

— Oh! — Ela ri-se. — Sempre foste muito abelhuda. — A assistente traz à Angela a sua água e apressa-se a sair. A sugar por uma desnecessária palhinha, Angela dá um longo gole e, depois, diz: — Fazes um ano de empresa na sexta-feira.

— Sim. Exatamente.

— Bem, segundo o teu contrato, após um ano, deixas de estar sob remuneração restringida, passando a receber o teu salário real. — Ela encolhe os ombros. — Porquê pagar mais, quando posso arranjar quem faça o teu trabalho por menos? Uma simples questão de rentabilidade. Tu entendes.

— Não, não entendo. — A minha voz sobe de tom e duas manápuas pousam sobre o meu ombro, em sinal de aviso.

Oh, por favor!

— Angela, isto é a minha vida, não é nenhum jogo que estás a jogar. Quando me imploraste que viesse trabalhar para ti, disseste-me que seria uma experiência determinante para a vida.

— E não foi? — Ela estende os braços. — A Angeloop é determinante para a vida de todos. — Relanceia para o relógio. — Oh, tenho cinco minutos para me despir. O bronzado não espera. — Ela gira o dedo aos tipos ao meu lado. — Vamos terminar isto, rapazes.

Dois pares de mãos agarram-me e fazem-me levantar da cadeira.

— Só podes estar a brincar — desabafo, ainda não assimilando bem o que se está a passar. — Estás a mandar seguranças arrastar-me para fora do teu gabinete?!

— Não por escolha minha — diz Angela, em postura de inocência. — A tua atitude hostil obriga-me a usar os seguranças.

— Hostil?! — riposto eu. — Se estou hostil, é porque me despedes sem qualquer razão.

— Oh, queridinha, não acredito que o vejas dessa forma — diz ela, naquele seu tom de voz condescendente. — Não é nada de pessoal. Sabes que te adoro e que tenciono manter o convite mensal para o nosso *brunch*. Isto é simplesmente negócio. — Ela sopra-me um beijo. — Continuas a ser a minha favorita.

Ela perdeu por completo o juízo.

Sou puxada em direção à porta, mas finco os saltos dos meus *Jimmy Choo* de há duas estações.

— Angela, sinceramente! Não me podes estar a despedir...

Ela levanta o olhar para mim, inclina a cabeça de lado e, depois, leva a mão ao coração. — Ohh, olhem só para ti, a lutares pelo teu emprego. Céus,

foste sempre uma briguenta! — Sopra-me outro beijo, acena e diz de longe: — Vou-te ligando. Depois podes contar-me sobre o teu horrível novo patrão. Ah... e não te esqueças de confirmar a presença na nossa reunião do liceu. Só faltam dois meses. É preciso contar cabeças.

E assim, sem mais, a derrota vence-me, os meus saltos desprendem-se em choque total, o meu corpo cede e sou arrastada por baixo dos braços através dos escritórios da Angeloop, o blogue de estilo de vida mais idiota e absurdo da Internet, um lugar onde eu nem queria trabalhar para começar.

Os colegas observam.

Os seguranças nem vacilam, enquanto me arrastam para lá da alta porta de vidro da entrada.

E antes que eu consiga recuperar o fôlego, vejo-me a fitar a obscenamente grande placa da Angeloop no exterior do edifício, com uma caixa dos meus pertences do escritório na mão.

Como raio foi isto acontecer?

CAPÍTULO UM

HUXLEY



— **A**inda vou assassinar alguém — dispero, enquanto lanço o casaco do fato pelo escritório e bato a porta com estrondo.

— Parece que a reunião correu bem — diz o JP, encostado à extensa parede de janelas no meu gabinete.

— Parece que correu incrivelmente bem — sugere Breaker, recostado no meu sofá de pele.

Ignorando o sarcasmo dos meus irmãos, agarro o cabelo e volto-me para a vista de Los Angeles. Está um dia límpido hoje, a chuva fresca da noite anterior tendo dissipado alguma da neblina no ar. As palmeiras erguem-se altas em direção ao céu, a delinear as ruas, mas parecem pequenas comparadas com o meu escritório, acima de tudo o resto.

— Queres falar sobre isso? — pergunta o JP, enquanto se acomoda numa cadeira.

Volto-me para eles, os meus irmãos, os dois idiotas que têm estado do meu lado nos bons e maus momentos. Que têm navegado pelos altos e baixos desta vida. Que largaram tudo para se juntarem a mim nesta ideia louca de conquistar o mercado imobiliário de Los Angeles, com o dinheiro que o pai nos deixou quando morreu. Edificámos este império juntos.

Mas a inflexão bajuladora nos seus rostos, dá-me vontade de os chutar daqui para fora.

— Parece-te que queira *falar* sobre isso?

— Não — diz Breaker, com um esgar. — Mas, porra, nós queremos ouvir tudo!

É claro que querem.

Porque foram eles que disseram que não me devia reunir com o Dave Toney.

Foram eles que se riram, quando lhes disse que tinha uma reunião com ele, hoje.

E foram eles que, sarcasticamente, me desejaram boa sorte, quando saí pela porta.

Mas eu quis provar que estavam errados.

Quis mostrar-lhes que era capaz de convencer o Dave Toney a vir trabalhar com a Cane Enterprises.

Spoiler alert — não o convenci.

Capitulando ao olhar dos meus irmãos, tomo igualmente um lugar e exalo um longo suspiro.

— Caraças — murmuro.

— Deixa-me adivinhar, ele não se rendeu ao teu charme? — sugere Breaker. — Mas tu és tão agradável!

— Essa treta não devia interessar. — Esmago o dedo contra o braço da minha cadeira de couro macio. — Isto é negócio, não uma parada de amizades cultivadas e bajulações.

— Acho que lhe falhou alguma coisa na escola de gestão — diz JP a Breaker. — O promover de relações de negócios não era todo um curso? — O seu sarcasmo mexe-me com os nervos.

— Penso que era — corrobora Breaker.

— Eu fui até lá e beijei-lhe o traseiro. Que mais é que ele quer?

— E usaste batom? Não sei se a namorada dele vai apreciar descobrir outro par de lábios nas bochechas do rabo do seu gajo — troça Breaker.

— Odeio-te! A sério que te odeio.

Breaker solta uma gargalhada, enquanto o JP diz:

— Lamento ter de o dizer, mas... nós avisámos-te, meu. O Dave Toney não trabalha com qualquer um. Ele pertence a uma classe à parte, nesta cidade. Muitos foram os que tentaram penetrar no imenso volume de imóveis que ele detém; muitos foram os que falharam. Porque havia de ser diferente contigo?

— Porque somos a Cane Enterprises — clamo eu. — Todos querem trabalhar connosco. Porque nós temos o portfólio mais abrangente de Los Angeles. Porque somos capazes de tornar um edifício a cair aos pedaços num negócio de milhões de dólares, no espaço de um ano. Nós sabemos o que fazemos, e o Dave Toney, embora bem-sucedido, tem entre mãos alguns terrenos «mortos» que lhe estão a afetar o negócio. Ele sabe disso, eu sei disso, e quero tirar-lhe esses terrenos das mãos.

O JP segura no queixo e pergunta:

— O que lhe disseste exatamente? Espero que não tenha sido isso. Porque apesar de o teu pequeno discurso me ter deixado de mamilos excitados, duvido que ele tivesse apreciado o tom.

Reviro os olhos.

— Disse-lhe algo nessa linha.

— Não sei se entendes, mas o Dave Toney é um homem orgulhoso, estás a ver? — interpõe Breaker. — Se o insultas, ele não vai querer trabalhar contigo.

— Eu não o insultei — brado. — Só estava a tentar colocar-me numa posição de igualdade, percebes? Fazê-lo ver que sou uma pessoa perfeitamente normal.

Ambos os meus irmãos escarnecem.

— Eu sou um tipo normal.

JP e Breaker trocam olhares e, depois, inclinam-se ambos para diante, e eu sei o que se segue: um clássico momento de epifania. Eles gostam de o fazer comigo, de tempos a tempos.

— Tu sabes que te adoramos, certo? — indaga Breaker. E lá vamos nós.

— Nós estamos aqui para ti, sempre que precisares — acrescenta JP.

Arrasto a minha mão pelo rosto.

— Digam de uma vez.

— Tu não és normal. És tudo menos normal. Nenhum de nós é. Vivemos em Beverly Hills, somos constantemente convidados para *premières* e eventos de celebridades, e já fizemos os títulos da Coluna Social por diversas vezes. Não há nada de normal em relação a nós. Agora, o Dave Toney... ele é normal.

— Como assim? — questiono. — Porque não é convidado para as *after-parties* das celebridades?

Breaker abana a cabeça.

— Não, porque é terra a terra. Acessível. Qualquer um podia beber uma cerveja com ele num bar, sem se sentir minimamente intimidado. Tu és o exato oposto. Espalhafatoso.

— Eu não sou espalhafatoso.

O JP acena para o meu relógio.

— Belo *Movado*... é novo?

Desço o olhar para ele.

— Comprei-o na semana passada... — Levanto os olhos, encontrando a expressão acusadora dos meus irmãos. — Não posso gastar o dinheiro que arduamente ganho?

— Podes — diz JP. — O modo como vives a tua vida é perfeitamente aceitável. A casa, o carro... o relógio, tudo conquistado, e justamente, mas se queres criar uma conexão com o Dave Toney, vais ter de te posicionar num outro nível. O que não significa vestires-te de forma mais banal, porque isso ele vai perceber logo. Ele já sabe que és um tipo espalhafatoso. Mas ele precisa de te ver a uma outra luz.

— Uuuuh, gosto disso — interpõe Breaker. — Uma outra luz. É isso que ele precisa. — Dá pancadinhas no queixo. — Mas que luz seria essa?

Irritado, levanto-me da cadeira e agarro no meu casaco de fato, para onde o atirei.

— Enquanto vocês dois idiotas pensam no assunto, eu vou buscar o almoço.

— Se ao menos o Toney pudesse ver este momento, em que Huxley Cane não pede a um assistente que lhe vá buscar o almoço, mas percorre as ruas de Los Angeles para obter a sua própria comida, como um mero plebeu — comenta o JP.

Visto o casaco, apesar do calor lá fora. Ignorando-os, sigo em direção à porta.

— Podes trazer-nos alguma coisa? — invoca Breaker.

Suspirando, digo de volta:

— Mandem mensagem com o que querem do pronto a comer.

— *Pickles!* Tudo o que houver de *pickles* — brada o JP, enquanto atravesso o corredor em direção ao elevador. Felizmente, as portas abrem-se para mim, pelo que entro, carrego no botão do *lobby* e encosto-me à parede, as mãos enfiadas nos bolsos das minhas calças.

Posicionar-me num outro nível. Nem sei o que isso quer dizer. E sei que sou um empreendedor que fechou negócios com pessoas com quem me entendi bem, mas também fechei negócios com pessoas que desprezava profundamente. A diferença entre mim e o Dave Toney — eu não quero saber quem aceita o meu dinheiro ou a quem vendo. Negócio é negócio e se é uma boa transação, aproveito-a.

Eu propus ao Dave um negócio do caraças, hoje, melhor do que ele merecia, para dizer a verdade. E em lugar de me apertar a mão e aceitar, ele recostou-se na sua cadeira de escritório, coçou o rosto de lado e disse:

— Não sei. Vou ter de ponderar sobre isso.

Ponderar sobre isso!

Ponderar sobre a minha porra de proposta!

Ninguém pondera sobre as minhas propostas; aceitam-nas e agradecem ao próprio Cristo a oportunidade de fazer negócio com a Cane Enterprises.

Avanço pelas portas do elevador quando estas se afastam, abro caminho pelo movimentado *lobby* e, depois, saio do edifício do escritório em direção ao inconspícuo pronto a comer, que fica logo ali ao fundo da rua. A dois quarteirões. Normalmente, não mando a minha assistente, Karla, buscar-me comida, porque isso me faz sentir um otário — apesar do que possam pensar de mim —, além de que aprecio a oportunidade de sair e respirar ar fresco. *Bem, trata-se de LA, portanto «ar fresco» é um eufemismo.* Mas oferece-me uma oportunidade de reinicializar, antes de voltar para trás da secretária, onde controlo as nossas operações de biliões de dólares com o teclado.

O telefone emite um som no meu bolso e nem me dou ao trabalho de ver, porque sei que são os pedidos do JP e do Breaker. Nem sei sequer para que lhes disse que me enviassem uma mensagem, porque pedem sempre a mesma coisa. Tal como eu. Um *Philly cheesesteak* com extra cogumelos. E, é claro, *pickles*. É a nossa sandes de referência. Algo que não comemos muitas vezes, mas quando vamos ao pronto a comer, é a escolha habitual.

O passeio está mais apinhado do que o normal. O verão desceu sobre Los Angeles, o que significa que os turistas chegam aos magotes, as excursões de autocarro pelos locais mais célebres estão no auge e que seguir pela 101 vai ser um pesadelo infernal. Felizmente para mim, vivo apenas a trinta e cinco minutos do escritório.

Enquanto me aproximo do pronto a comer, um familiar SUV preto detém-se na frente. Quando a porta se abre, avisto o Dave Toney — falando no diabo — a sair do veículo. Quais são as probabilidades?

Sejam quais forem, parecem estar a meu favor. Nada como um bom acompanhamento para procurar garantir um negócio. Talvez o JP estivesse certo, o Dave Toney pode mudar de ideias ao ver-me a ir buscar o almoço. Isso é definitivamente *a um outro nível*.

Abotoo o casaco de fato e acelero o passo. Nunca perco uma oportunidade de negócio. Nunca. Quando chego mais perto, sou seriamente apanhado de surpresa ao ver uma mão feminina a surgir do veículo, atrás de Dave. Abrando e foco toda a minha atenção na mão... uma mão pequena com um ENORME anel de noivado.

Com mil raios, o Dave é comprometido?

Assumo que sim, visto que ele segura a mão da mulher.
Mas comprometido... caramba, como é que isso me escapou?
Normalmente, estou a par de tais...
Os meus pensamentos detêm-se e pestanejo várias vezes, quando a noiva se vira, oferecendo-me uma visão de perfil.
Caraças!
Parece que o compromisso não é a maior surpresa do dia.
Pelo vestido justo e estrutura esguia, não há a menor dúvida na minha mente de que a noiva de Dave Toney está grávida.
O Dave Toney, comprometido e com um bebé a caminho. Como... quando?
Ele acena ao motorista, fecha a porta e, então, relanceia para trás de si, o suficiente para estabelecermos contacto visual. As suas sobrancelhas erguem-se de surpresa, depois vira-se e acena-me.
— Cane, não o esperava ver nas ruas!
Pois, nenhum de nós esperava ver o outro, mas não vou deixar que o choque deste novo desenvolvimento me perturbe.
Hora do espetáculo.
Coloco um sorriso na cara.
— Simplesmente a desfrutar do caloroso sol da Califórnia, enquanto vou buscar o almoço para mim e para os meus irmãos. — Vou até junto dele e estendo-lhe a mão. Ele aperta-a brevemente. — Este pronto a comer é o nosso favorito.
— É mesmo? — indaga Dave, surpreendido. — Também é o da Ellie. Nunca cá vim, mas ela dizia-me que têm os melhores *pickles*.
— Os meus irmãos também são loucos pelos *pickles*. — Estendo a minha mão à sua prometida. — Deve ser a Ellie.
— Ora, que indelicado da minha parte — diz Dave, com um riso embaraçado. — Sim, esta é a Ellie. Ellie, este é o Huxley Cane.
— É um prazer conhecê-lo — entoa Ellie, numa doce voz do Sul. Uma voz que já ouvi antes.
Aperto-lhe a mão e, depois, largo-a, dizendo:
— Deixe-me adivinhar, você é da Geórgia?
O seu sorriso ilumina-se.
— Sou. Como percebeu?
Sim, isto abre-me boas perspectivas.
— A minha avó é uma autoproclamada «Pêssega» da Geórgia. Passei muitos verões brutais e carregados de humidade no seu alpendre coberto, a

baloçar em cadeiras, enquanto ela me punha a par dos últimos mexericos da cidade.

— A sério? Onde?

— Peachtree.

Os seus olhos crescem, deliciada. Aperta a mão sobre o peito.

— Eu cresci em Fayetteville, mesmo a leste de Peachtree. Uau, como o mundo é pequeno!

Sim. Sim, de facto. Sobretudo, quando a minha avó vive na realidade em San Diego e eu nunca estive na Geórgia, mas eles não precisam de saber disso. E também não precisam de saber que reconheci o sotaque, porque, na altura da faculdade, andei com uma rapariga de Peachtree. Tudo uma questão de semântica.

Encantado com a pequena conexão que estou a estabelecer com o mundo de Dave, volto-me para ele, dando de caras com um homem em postura marcadamente territorial. Oh-oh! Maxilar contraído, sobrancelhas estreitadas, os seus olhos não encontrando qualquer humor no nosso pequeno... pequeníssimo mundo.

O tipo está praticamente a marcar o seu território com aquele rosnado de raiva. Não me surpreenderia se ele comesse a circular a Ellie, urinando a toda a sua volta.

Considerando o que sabe sobre mim, espalhafatoso, sedutor, Sr. Coluna Social — não recentemente, graças aos Céus —, ele deve pensar que sou uma ameaça. O que não sou. Quero dizer, sim, a Ellie é um delicado pacotinho louro. Bonita, de olhos azuis, mas também grávida — um total pesadelo — e comprometida, logo, totalmente fora do mercado.

Mas tendo em conta o que os meus irmãos disseram, provavelmente o Dave não o vê dessa forma tratando-se de mim.

O que significa que preciso de salvar a situação e rapidamente.

Mas como?

Como o poderia conseguir fazer...

(Lâmpada)

Viram esse lampejante clarão de luz? Pois, surgiu-me uma ideia. Pode não ser inteligente. Não é definitivamente a coisa mais inteligente em que alguma vez pensei, mas o Dave parece mais tenso a cada segundo, portanto...

É agora ou nunca.

Por favor, que isto não se volte contra mim — as famosas últimas palavras.

— Fayetteville? — Humedeço os lábios. Aqui vai. — Uau, que louco!

Acho que os pais da minha noiva são de Palmetto. Não fica um pouco mais a norte?

É isso, noiva. Eu disse que não era muito inteligente, mas foi o melhor que consegui.

— Sim, Palmetto fica mesmo a norte — diz Ellie com tremenda felicidade, enquanto Dave lhe desliza a mão em torno da cintura, num abraço protetor.

— Noiva? — indaga ele, aclarando a garganta. — Você está comprometido, Cane? — Há um interesse genuíno nos seus olhos e a tensão que se acumulava nos ombros relaxa lentamente.

— É verdade.

— Ah, estou surpreso!

Não o consigo ler. Será que acredita em mim? Estará a testar-me? Estarei a tornar isto exponencialmente pior? Espero não lixar tudo. Não quero perder este negócio.

Recuso deixá-lo fugir por entre os dedos, não quando estou tão perto. Deter aquelas propriedades seria exponencialmente vantajoso para o nosso portfólio, especialmente com o que temos planeado para elas. E arrebatá-las com o esquivo Dave Toney, deixar-me-ia ainda mais vitorioso. O espírito empresarial toma conta de mim, mandando o meu bom senso às urtigas.

Assim, antes que mude de ideias quanto ao que me vai sair da boca, engulo com dificuldade e digo:

— Sim, comprometido e... prestes a ser pai.

No segundo em que a mentira me deixa os lábios, invade-me um sentimento de repúdio, porque, caramba, sei como algumas mulheres desesperam por engravidar e mentir sobre uma coisa dessas... porra, não está certo. Mas, tal como eu disse, nesse momento, o meu bom senso está em parte incerta e rege-me um puro instinto idiótico.

— É mesmo? — Ellie regozija-se. — Oh, meu Deus! — Ela acaricia o ventre. — Também nós. Não é emocionante, Dave?

— É, de facto. — O rosto de Dave transfigura-se de namorado inseguro e protetor em... numa expressão que não lhe tinha visto antes. Compaixão.

Compreensão.

Atrever-me-ei a dizer — camaradagem?

Enterro as minhas mãos nos bolsos das calças para as impedir de se agitarem, enquanto conto a mais tremenda mentira da minha vida.

— Pois, foi a minha avó que ma apresentou, lá em Peachtree. Foi um desses encontros casuais de amor à primeira vista.

Ellie junta as mãos.

— Oh, adoro encontros casuais felizes!

Encolho os ombros.

— Sim, e entendemo-nos muito rapidamente. — Ensaio um olhar para o céu, enquanto penso na minha imaginária noiva grávida e em quanto (engulo em seco) a amo. — Fizemos as coisas um pouco ao contrário, engravidando primeiro, mas também nunca fizemos nada certo, segundo os padrões temporais da sociedade.

— Igual — profere Dave, e vejo-o, ali, claramente nos seus olhos. Um novo apreço por mim. Era disto que os rapazes estavam a falar. Era disto que o Dave precisava, de me ver como «humano».

Isto sou eu, a conhecer o Dave a um outro nível. A estabelecer uma conexão a um outro nível. Neste momento, ele não me vê como o espalhafatoso e implacável homem de negócios, mas como um tipo que ele pode convidar para uma cerveja e falar das suas inquietações em tornar-se pai.

Este podia ser exatamente o trunfo de que eu precisava. Um pouco de conversa de circunstância, uma mentirinha elaborada que não vai fazer mal a ninguém. Ele não tem de conhecer efetivamente essa rapariga imaginária. Nem sequer precisa de saber grande coisa sobre ela. Só essa ideia dela, torna-me bastante mais apelativo.

Hmm, talvez não tenha sido assim tão má ideia.

Talvez tenha realmente sido puro brilhantismo no seu melhor.

Escrevam o que eu digo — amanhã por esta hora, ele irá ligar-me, não querendo mais ponderar sobre a minha proposta, mas tendendo mais a aceitá-la.

Huxley Cane, tu és um perfeito génio!

— Dave, não seria absolutamente sublime convidar o Huxley e a sua noiva para jantar?

Hum... o quê?

Jantar?

Ellie engancha as mãos e prossegue:

— Seria maravilhoso falar com pessoas na mesma situação que nós. — Inclinando-se para diante, Ellie diz: — A família não ficou nada contente por esperarmos para casar só depois de o bebé nascer. Os meus pais são bastante tradicionais.

O suor irrompe no meu lábio superior, enquanto procuro manter o rosto neutro.

Um jantar.

Com a minha «noiva».

Oh... porra!

Aborta, Cane. ABORTA!

— Seria excelente — diz Dave, com um sorriso jovial.

PORRA!

— Que tal sábado à noite? — prossegue ele.

Sábado à noite?

Duplamente, porra!

Isso é daqui a quatro dias.

Quatro malditos dias para arranjar não apenas uma noiva, mas uma noiva grávida.

Huxley Cane, tu não és nenhum génio, és um perfeito mentecapto.

— Oh, dá-lhe um tempo para falar sobre isso com a rapariga — intervém Ellie. Daria graças a Deus pela Ellie, mas o mortificante jantar foi ideia sua. — Depois, pode ligar ao Dave a dizer se é possível. Adoro cozinhar. Se quisesse, podia preparar uma bela refeição sulista.

A minha mente já está a formular desculpas para não me ser possível, a mim e à minha noiva, neste sábado.

— E talvez pudéssemos falar um pouco mais sobre aquela proposta — interpõe Dave, com um sorriso genuíno.

Porra!

Porra! Porra! Porra!

Agora, não posso dizer que não. Não, pondo o negócio em risco.

Jesus Cristo!

Apesar do deserto que é a minha boca, engulo com dificuldade e assinto com a cabeça. — Sim. — A voz quebra-se. — Sábado parece-me ótimo.

— Maravilha! — Ellie bate palmas. — Oh, mal posso esperar! Vou fazer o meu melhor *cobbler* de pêssego e o melhor prato de *collard greens*. O Dave depois troca as informações consigo.

— Perfeito — digo eu, com um sorriso vacilante. Em que raio me estou a meter?

— Querida, vamos chegar atrasados. Passamos no pronto a comer depois da aula, pode ser? — pergunta Dave.

— Desde que eu tenha o dobro dos *pickles* — responde Ellie, dando um beijo nos lábios de Dave.

A demonstração pública de afeto dá-me a volta ao estômago. Não que a ache repulsiva, mas é um cruel relembrar do buraco que acabei de cavar para mim mesmo.

— OK, vamos à nossa aula de preparação para o parto. Falamos em breve
— diz Dave, com um aceno.

Aceno-lhes de volta, rezando para que a minha mão não pareça trêmula e, sem entrar no pronto a comer, dou meia volta rumo ao escritório, a minha mente rodopiando em busca de como sair desta embrulhada.

Huxley Cane, és o mais completo e absoluto mentecapto!

CAPÍTULO DOIS

LOTTIE



Com as mãos pousadas no volante, fito a casa da minha infância e também atual lugar de residência, um pequeno *bungalow* que está na família há anos. Anos... mesmo. A avó Pru comprou-o na década de 50 e passou-o à minha mãe, que me criou a mim e à minha irmã, Kelsey, sozinha.

O reboco branco esbateu-se com o tempo e parece mais creme que outra coisa, e o telhado de telhas de argila vermelha precisa de mais reparação do que a minha mãe pode pagar, apesar de o namorado residente de há treze anos, Jeff, o querer substituir por ela.

Falando de Jeff, ali está ele no quintal da frente, nos seus desproporcionados calções de ganga e a clássica camisola interior branca, a empurrar o cortador de relva. O Jeff tem sempre um cigarro por acender pendurado na boca, porque embora não o fume, nunca, sente conforto em saber que o podia fazer, se quisesse. Não me perguntem sobre a psicologia por detrás disso; ele é muito bom para a minha mãe e tem sido também um fantástico apoio para mim e para a minha irmã, nestes últimos dez anos. Por isso, se anda de cigarro pendurado na boca, que seja. Podia ser pior.

Mas o facto de o Jeff estar no quintal da frente, gera uma falha na minha capacidade de levar para o quarto a caixa com os meus pertences do escritório, sem perguntas. E não quero perguntas do Jeff ou da minha mãe. Eles não podem saber que a Angela me despediu. Isso seria um desastre debilitador.

Não, eles NUNCA poderão saber.

Porquê?

Bem, porque eles foram quem me pediu e implorou para arranjar outro

emprego, que não implicasse trabalhar para alguém com quem eu mantinha uma relação tóxica há anos.

Mas sabem como é. Os pais não sabem nada, nós sabemos tudo e, depois, temos de engolir as nossas malditas palavras, quando nos apercebemos de que... devíamos ter dado ouvidos aos ditos pais.

Aaaargh!

Não querendo levantar suspeitas a Jeff, saio do meu decrepito *VW Carocha*, deixando a caixa no banco de trás, ponho a minha mala ao ombro e estampo na cara um bonito sorriso que, eu sei, vai alegrar o dia do Jeff.

— Olá, Lottie Bug — diz ele, usando o nome carinhoso que a mãe me deu há anos.

— Olá, Jeff! — Aceno-lhe, enquanto ele desliga o cortador e ajusta os óculos escuros sobre o nariz. — O quintal está fantástico!

— Obrigado. A comissão de embelezamento terá de reparar em nós este ano.

Oh, Jeff, sempre tão otimista!

É que nós moramos na fronteira, isto é, uma rua além de The Flats, em Beverly Hills. E, todos os verões, há uma comissão que passa de casa em casa, elegendo os melhores quintais do bairro e atribuindo-lhes prémios. Quando percorremos The Flats, absorvemos os seus relvados fabulosamente aparados por paisagistas profissionais, não pelos próprios donos. É uma batalha sangrenta na semana anterior à passagem dos avaliadores, incluindo aqui na nossa casa, porque a última casa da rota fica do outro lado da rua, e, para a verem, apercebem-se da nossa, para lá dos arbustos, e o Jeff está determinadamente decidido em fazer-se notar.

— Tens de convencer a mãe a reparar o telhado, se quiseres ter alguma hipótese.

Não há a mais pequena hipótese de o nosso quintal vir a ser notado. A comissão de embelezamento é composta por uns quantos *snobs* endinheirados, que nunca olhariam para o outro lado da rua. Mas é simpático dar esperança ao Jeff, sobretudo quando ele se esforça tanto.

Os seus ombros afundam-se, derrotado.

— Eu disse-lhe isso. Preciso que o telhado esteja impecável. Aquelas telhas partidas nunca conquistarão prémio nenhum. Acho que vou chamar os rapazes um destes dias e arranjá-lo, enquanto ela estiver no trabalho. Agir primeiro, pedir perdão depois.

— Uma abordagem inteligente.

— E o trabalho, como foi?

Faço uma pausa na minha perseguição da porta da entrada. Mantendo o sorriso em pleno efeito, profiro:

— Bem. Um dia típico. — Sim, um dia típico de deambular pelas ruas de Los Angeles, a matar o tempo antes de poder voltar para casa, sabendo bem que a mãe e o Jeff conhecem o meu horário e que, se chegasse mais cedo do que o normal, ficariam desconfiados. E, felizmente para mim, durante esse deambular, um simpático sem-abrigo disse-me para ir comprar uns *collants*, franzindo o rosto perante as minhas pernas despidas. Comprei um gelado de menta como consolação, que foi vítima do sol estival da Califórnia e acabou por escorrer pela frente da minha camisa branca e, para rematar a coisa, tropecei numa grelha da rua e parti o salto de um dos meus *Jimmy Choo* de há duas estações, razão pela qual sigo descalça até à casa.

Foi um daqueles dias.

— Promoção daqui a uma semana, não é? — indaga Jeff. — Entusiasmada? Finalmente, poderás ter a tua própria casa.

Inserir aqui o suspiro profundo.

Mostro-lhe o polegar erguido.

— Superentusiasmada!

Sem mais palavras, abro a porta de casa e, de imediato, vem-me o cheiro dos palitinhos de peixe feitos pela mãe. Jesus Cristo, outra vez, não!

Não há folga para esta rapariga.

— Jeff, o jantar está quase pronto.

— Sou eu, mãe — digo, seguindo para o meu quarto, mas antes de conseguir chegar longe pelo corredor, a minha mãe espeta a cabeça pela porta da cozinha.

— Lottie Bug, mesmo a tempo do jantar.

Aceno-lhe com a mão.

— Não tenho muita fome. — Agarro o estômago. — Almoço tardio. Talvez coma uma maçã mais logo.

— Não sejas tonta. Vai lavar as mãos. — Sim, ela ainda me manda lavar as mãos antes de comer. — E refrescar-te. Tens um lugar à tua espera.

Suspirando, digo:

— Obrigada, mãe. — Alcanço o meu quarto, fecho a porta e deixo-me deslizar por ela, até chegar ao chão. — Céus, preciso de uma bebida. — Puxo o telemóvel da mala e mando uma mensagem à minha irmã.

Lottie: Bebida precisa-se. Amanhã de dia, quando a mãe e o Jeff saírem. Alinhas?

Kelsey, a minha gémea irlandesa como a mãe gosta de lhe chamar, é só doze meses mais nova do que eu e é uma organizadora em ascensão — sim, também fiquei confusa quando ela me contou essa pérola de informação. Basicamente, ela criou o seu próprio negócio de organização, em que vai a casa das pessoas para lhes mostrar como organizarem as suas despensas e armários, de modo a torná-los mais funcionais — ou seja, para não guardarem tudo e mais alguma coisa. Perguntei-lhe como se distinguia de todos os outros que seguiam as tendências do *The Home Edit* e a sua resposta deixou-me impressionada — porque era tudo muito bem pensado. Ela foca-se numa organização sustentável. Em vez de encorajar todos os seus clientes a usarem caixas de arrumação em acrílico transparente, ela trabalha com uma empresa que oferece produtos organizadores de origem sustentável, bem como produtos feitos a partir de materiais totalmente reciclados. Melhor para o ambiente e melhor para a casa. Estão a ver? Fiquei impressionada. Ao que parece, só lhe falta uma celebridade para ser descoberta. Eu acredito nela. Ganha agora o suficiente para expandir o negócio e pagar o seu próprio apartamento-estúdio em West Hollywood.

O meu telefone emite o sinal de mensagem.

Kelsey: Não devias estar a trabalhar amanhã?

Ergo-me do meu lugar no chão e desentalo a camisa, antes de enviar uma mensagem de volta.

Lottie: Devia...

Pouso o telefone e dispo-me, atirando a roupa para o cesto, nem sequer me ralando com a mancha. O dano já está feito. Visto uns calções e um *top* de alças e prendo o meu longo cabelo castanho numa bola.

Kelsey: Não me digas que aquela vaca te despediu.

Lottie: Podes considerar-me desempregada.

Kelsey: Eu BEM TE DISSE que isso ia acontecer! Ela é uma... Caramba, Lottie, se voltas a falar com ela, renego-te. Estás a ouvir?

Lottie: Acredita, a Angela morreu para mim, apesar do que ELA possa pensar.

Kelsey: Deixa-me adivinhar, a narcisista ainda acha que vão continuar amigas.

Lottie: *Exato. Seja como for, não vou contar à mãe e ao Jeff, não até encontrar uma solução. Eles continuam a pensar que me vou mudar para a semana, quando obtiver a minha «promoção» — que é como quem diz, rebaixamento para o desemprego.*

Kelsey: *O teu segredo está a salvo comigo. Passo por aí por volta das 9 horas, com ingredientes para tequila e margarita.*

Lottie: *Podes trazer o «bloco de ideias»?*

Kelsey: *Já o estou a pôr na mala. Vamos tratar disso, mana.*

Lottie: *Adoro-te!*

Kelsey: *Também te adoro. E não te preocupes. Vamos arranjar solução.*

Sentindo-me aliviada, pouso o telefone na cómoda, porque se a minha mãe vê um telemóvel perto da mesa de jantar, agarra nele e atira-o pela sanita abaixo. Fui vítima de tal roubo, uma só e única vez. Depois de secarmos a água da sanita do telefone em arroz toda a noite, aprendemos rapidamente a não o voltar a fazer.

Sigo pelo corredor até à sala de jantar, onde apanho o Jeff a dar um beijo cândido na face da minha mãe. Ele sussurra-lhe «obrigado», antes de tomar o seu lugar. Mudou igualmente de roupa, as mãos limpas de toda a terra da jardinagem. Sei que ele vai voltar lá para fora logo a seguir, mas aprecio a sua compreensão pelas regras da minha mãe à mesa.

— Cheira bem, mãe — minto, enquanto me sento. O Jeff adora os seus palitos de peixe feitos em casa. Eu odeio-os. Mas como-os, porque fui ensinada desde muito cedo a comer o que nos põem no prato, sem me queixar. A dar-me por feliz por ter comida no prato.

— Obrigada. Fiz um pouco do teu *cobbler* favorito, para a sobremesa.

Ora aí está uma coisa por que vale a pena engolir uns palitos de peixe.

— És um espetáculo! Obrigada.

A mãe senta-se e, depois, como uma encantadora família de três, damos as mãos, a minha mãe guia-nos numa oração e atacamos. Graças aos Céus, ela serviu-me porções mais pequenas. Consigo facilmente engolir isto pela promessa de um *cobbler* acabado de fazer.

— Como foi o trabalho, querida? — pergunta a minha mãe, enquanto deita uma colherada de molho tártaro no seu prato. Ela passa o molho ao Jeff, que tira também uma colher, e, depois, a mim. Carrego o meu prato com o molho de *pickles*, porque é a única maneira de conseguir tragar os palitos de peixe.

— Ótimo — respondo, a mentira áspera na minha língua.

Houve três coisas que aprendi ao crescer com uma mulher forte e independente — não mentir, não enganar e lutar sempre pelo que se quer. Bem, acabei de mentir, mas não tenho estômago para lhe contar a verdade. Não quando a mãe e o Jeff me disseram — tal como a Kelsey — como era má ideia aceitar trabalhar para a Angela. A volúvel Angela. A narcisista e imprevisível Angela. Eles disseram-me para esperar pelo mercado de trabalho, que haveria de aparecer alguma coisa para uma licenciada da UC Irvine com mestrado em Gestão.

Alguma coisa havia de surgir.

Qualquer coisa havia de surgir.

Nada surgiu.

Absolutamente zero oportunidades.

Fiquei desesperada.

Os empréstimos de estudante batiam-me à porta, a responsabilidade jorrava em torno dos meus pés.

Eu precisava de um emprego.

A Angela era a minha única opção. Ela ofereceu-me um lugar temporário na empresa, um salário reduzido que me obrigava a viver em casa da minha mãe, para poder continuar na Califórnia do Sul, e a promessa, se desempenhasse bem a função, de passado um ano triplicar o meu salário — sim, triplicar, para verem a redução salarial que aceitei — e dar-me uma posição permanente. A minha mãe e o Jeff disseram que era estupidez aceitar. Que ela acabaria por me tramar, de alguma forma.

Mas eu não tinha mais opções. Absolutamente nenhuma. Assim, na minha cabeça, eu não tinha escolha. Aceitei.

E arrasei.

Nos poucos meses que se seguiram, assistiu-se a um crescimento exponencial do blogue de estilo de vida. Celebidades começaram a patrociná-lo e, antes que desse por isso, a Angeloop tinha-se tornado um nome de referência. E eu tinha parte nisso. Lancei um «eu disse-vos» na cara da minha mãe e do Jeff, depois da nossa primeira aparição no *The Today Show*. E disse que me ia esforçar, porque coisas boas iriam surgir.

Conseguem ouvir agora o riso sarcástico?

Não só não tenho dinheiro, como não tenho emprego e dentro de uma semana — a menos que queira contar a verdade à mãe e ao Jeff —, nenhum sítio onde morar.

Como diria a Rachel Green, isso é tão fantástico «como um chuto na virilha ou uma cuspidela no pescoço»!

— Já assinaste o contrato de arrendamento? Sei que encontraste um apartamento em West Hollywood, ao pé da tua irmã, que te agradou.

Isso encontrei, mas agradeço aos Céus pelo meu medo do compromisso, porque não assinei o contrato de arrendamento. O que só teria adicionado a este pesadelo.

— Não gostei exatamente daquele apartamento; faltava-lhe aquela energia.

O Jeff ri-se.

— Maura, lembras-te de ter vinte e cinco anos e de procurar uma casa com base numa «energia»? — Ele leva a mão ao peito, em tom de brincadeira. — Que memórias!

A minha mãe dá uma risada e passa-lhe a mão pelas costas.

— Lembro-me que arranjei um cubículo de uma divisão em Koreatown, em que a sanita ficava ao lado da cama e que eu usava como mesinha de cabeceira. Era nesses momentos de sanita-mesinha de cabeceira que eu pensava, *uau, que energia tão real...* — A minha mãe olha-me. — Realmente pobre, quero eu dizer.

Rindo, o Jeff assente.

— Uma mesinha de cabeceira sanita, com essa deixaste-me sem palavras. Eu tinha simplesmente um vizinho com uma vassoura que me estava sempre a dar cabo da energia.

Entreolho ambos.

— Vocês sabem que sou praticamente Geração Z; o sarcasmo pode ferir fundo.

Riem-se os dois e, então, a mãe diz:

— Tu és Geração Y branda. Não tem problema, querida. Podes ficar com a mamã e o padrastinho o tempo que quiseres. Nós adoramos não ter privacidade. — Ela esboça um sorriso malicioso e sei que está a brincar. Ela nunca me expulsaria para fora de casa, mas também sei que esperam pela minha saída há já algum tempo.

— Se gostam de não ter privacidade, podemos fazer uma festa do pijama esta noite. E aninharmo-nos todos juntos na vossa cama *queen size*.

Jeff levanta a mão.

— Por favor, poupem-me!

Pobre Jeff, tão boa pessoa, e percebo que ele quer realmente ter alguma privacidade com a minha mãe. Ele está connosco desde os meus quinze anos. Acho que está mais do que pronto para ter um verdadeiro tempo a sós com a minha mãe. E, subitamente, cresce a culpa. Se é lizado a Angela ter-me

despedido? É claro que sim, mas o que é ainda mais lixado é que, se não encontrar solução, vou lixar a liberdade por que tanto anseiam o Jeff e a minha mãe.

— Na verdade, queremos andar despidos por aí — diz, do nada, a minha mãe. Quando lhe lanço um olhar horrorizado, ela confessa: — Sempre que saís com a tua irmã, é o que fazemos. Pomos o Harry Connick Jr. a tocar, despimos a roupa e dançamos nus pela sala.

— Oh, meu Deus, porque me dizes isso? — Pouso o garfo, a capacidade de comer a diminuir. Sim, o Jeff e a minha mãe são atraentes; o Jeff levanta pesos na garagem e a mãe cuida do físico, mas por Cristo! Não é coisa que queira imaginar.

— Só para que saibas quais são as nossas expectativas. — Ela pisca o olho e, depois, mergulha distraidamente um palito de peixe em molho tártaro.

— Passava bem sem o saber. — Encosto-me para trás na cadeira e cruzo os braços sobre o peito.

A mãe agita o garfo na direção do meu prato

— Come, querida. O *cobbler* está à tua espera.

Como é que eu podia esquecer?



DETRÁS DE UM ARBUSTO, ESPREITO POR ENTRE OS RAMOS e observo enquanto o Jeff puxa a minha mãe para um beijo e lhe cinge o traseiro — argh, velhos —, depois, cada um mete-se no seu carro para ir para o trabalho. Mas não saio de imediato de trás dos arbustos, em vez disso, espero mais uns dois minutos para me certificar de que não se esqueceram de nada. Com a sorte que tenho, eram capazes de voltar mal eu atacasse um pacote de batatas fritas.

Quando me parece que a costa está livre, contorno o arbusto, procurando não prender a saia justa preta num ramo — não posso correr o risco de perder roupa boa para entrevistas — e atravesso a estrada com os meus saltos pretos normais. Agradeço aos Céus pelos arbustos de dois metros, porque acho que eles não repararam em nada. Sigo furtiva pelo passeio até à casa, destranco a porta, deslizo lá para dentro e, então, solto um longo suspiro.

Missão cumprida. *Embora, agora me pergunte porque não fui simplesmente ter ao apartamento da Kelsey, em vez de me preocupar com todos estes subterfúgios.*

O zumbido do frigorífico enche a casa silenciosa. Tudo está em ordem,

nem uma almofada fora do lugar, nem um prato no lava-loiça. Isto é, provavelmente, o que a mãe quer. Tranquilidade. A possibilidade de desfrutar da casa que tanto se esforçou por manter.

Não que eu seja ruidosa ou insuportável ou uma má «companheira de casa», mas há algo em ter um lugar só para nós, onde fazer o que nos apetece sem as repercussões de alguém nos surpreender. É isso que a mãe e o Jeff desejam desesperadamente.

Sei-o, porque o mencionam quase todos os dias.

Preciso de arranjar um emprego e rapidamente.

Não apenas porque quero poder dar à minha mãe o seu sossego com o Jeff, mas porque esta rapariga não tem muito na sua conta bancária e os empréstimos de estudante não se pagam sozinhos. Para não falar na reunião do liceu que se aproxima e em como seria «um cato na axila» aparecer desempregada, atolada em empréstimos de estudante, envergando um vestido de há cinco anos e ainda a viver em casa da mãe.

E não é que possa não aparecer, porque se eu não aparecer, a Angela saberá porquê e não lhe posso dar a satisfação de saber que eu dependia dela.

Não, tenho de resolver isto.

Volto ao meu quarto e troco a roupa de trabalho por uns calções e uma *t-shirt* foleira da Taylor Swift, que tenho há mais de uma década.

Quando volto à sala de estar, o meu telemóvel emite um som de mensagem.

Kelsey: *Tudo livre?*

Lottie: *Livre.*

Alguns minutos mais tarde, a Kelsey entra pela porta com ingredientes para tequila e margarita na mão.

— Tenho aqui tudo o que é preciso para esqueceres as preocupações.

Vou ao encontro dela, pego na tequila e abraço-a.

— Obrigada por vires.

— Para que servem as irmãs? Além de que hoje tenho um dia leve. É só endereçar alguns *e-mails*. Trouxe o meu computador para poder despachar algum trabalho, também.

— Enquanto bebemos? — questiono, de sobranceira erguida. — Não me parece uma ideia muito inteligente.

— Vamos beber com calma. — Ela lança-me um olhar penetrante. — O álcool pode aliviar a dor, mas não vai resolver nada. A menos que... decidiste

contar à mãe e ao Jeff? Porque se for esse o caso, embebedo-me já contigo. É só dizeres e as nossas cabeças irão lutar pelo espaço da sanita em horário nobre, daqui a duas horas.

Abano a cabeça.

— Não, não vou contar à mãe e ao Jeff. — De ingredientes de bebida na mão, vamos até à cozinha, onde pousamos tudo na bancada. — Acho que não tenho a coragem para lhes contar. Havia de ter visto a cara deles, ontem à noite, quando falavam de ter a casa só para eles e a oportunidade de poderem, finalmente, dançar nus por aí.

— Credo! — Kelsey franze o rosto.

— Nem me digas. Foi uma visão que eu dispensava, enquanto tentava engolir os palitos de peixe da mãe. — Agarro em dois copos e num misturador do armário. A Kelsey vai ao congelador buscar uns cubos de gelo — a mãe acha que o frigorífico, tal como o telhado, não precisa de ser renovado. — Mas eles estavam entusiasmados com a minha saída e dizer-lhes que não há um fim à vista neste momento, dá-me vontade de beber esta garrafa inteira de tequila. — Comprimo a minha mão contra o rosto. — Sou um fracasso, Kelsey.

Ela desliza por trás de mim e abraça-me. Envolver os meus braços nos dela e aperto-a com força, valendo-me daquele abraço de irmãs.

— Tu não és um fracasso — diz Kelsey. — Simplesmente, deparaste-te com um obstáculo no caminho.

— Vocês todos me disseram que ela ia acabar por me lixar e talvez eu também pensasse assim de início, mas depois de encontrar o meu ritmo no trabalho e de provar o meu valor na empresa, achei que podia confiar nela. Acreditei verdadeiramente que tinha encontrado o meu lugar. — Abano a cabeça. — Sou uma idiota!

— Tu não és uma idiota. — Ela dá-me uma palmadinha nas mãos, antes de me soltar. — Mas talvez tenhas tomado algumas más decisões, por vezes.

— Tomo tantas más decisões. Lembras-te daquela vez em que me disseste para não convidar o Tyler Dretch para sair, porque ele gostava de ti, mas eu tentei provar que estavas errada e convidei-o mesmo assim? Ele disse-me que queria era sair com a versão mais nova de mim. E isso foi no liceu. NO LICEU, Kelsey!

Ela ri-se.

— Pois foi. Eu disse-te para não o fazeres.

— E, depois, quando comprei aqueles calções em mil-raias cor de pêsego? Convenci-te de que eram a última tendência, só que ainda não tinham

chegado ao mercado e vesti-os para a praia, mas rasgaram-se pela costura quando me inclinei? Nunca fiquei com o rego do rabo tão comprimido e tão rapidamente em toda a minha vida!

— Ainda estou a ver o teu olhar horrorizado, quando sentiste a primeira brisa do oceano nas tuas partes íntimas. E não usar roupa interior foi outra má decisão.

— Estás a ver? Eu nem sei o que é uma boa decisão.

— Isso não é verdade. Essas são apenas coisas insignificantes. Tu tomaste algumas boas decisões.

— Ah, sim? — questiono eu, despejando os ingredientes da margarita no copo misturador. — Por favor, brinda-me com as minhas decisões fantásticas!

A Kelsey apoia-se na bancada e dá palmadinhas no queixo.

— Hum... tu... bem, houve aquela vez... hum, oh, e aquela... hmm, talvez essa não...

— Por favor, não pares — observo eu, secamente. — Estás a inundar-me com todas as minhas boas decisões. Até perdi o fôlego, de tanto elogio.

— Dá-me só um segundo, caramba... Oh, tiraste um mestrado em Gestão! Isso foi uma boa ideia.

— Foi? — questiono. — É que passei este último ano a usar o meu mísero salário para pagar os meus pesados empréstimos de estudante. E esse mestrado em Gestão não fez absolutamente nada por mim, a não ser fisgar-me um emprego com a Angela, o que... já sabemos como terminou.

— Oh, tinha-me esquecido dos empréstimos de estudante. Estão mal? — Kelsey franze o rosto.

Agito o copo misturador e digo:

— Para ser sincera, nem consigo ver. Até tenho medo. Neste momento, estão em pagamento automático.

— Quanto tens no banco?

Estremeço.

Está negro.

E eu sabia que ela ia fazer a pergunta, o que não o torna mais fácil.

Deito as margaritas nos respetivos copos.

— Não sei. Mais uma vez, até tenho medo de ver.

Kelsey respira fundo, pega na sua bebida e diz:

— Bem, se queremos descobrir o que podemos fazer, vamos ter de arrancar o penso e ver com o que temos de lidar. Temos de conhecer o teu nível de desespero.

Ela puxa o computador para fora da mala e aponta com a cabeça a mesa da sala de jantar.

— Está na hora — diz.

Raios... Receio que ela tenha razão. Está na hora.

Fico ali parada, levo o meu copo aos lábios e dou um grande trago. Vou precisar.



FITAMOS AMBAS, INEXPRESSIVAMENTE, A PAREDE DIANTE de nós.

Nem uma palavra.

Nem um movimento.

Simplesmente... a fitar.

O ar condicionado arranca de poucos em poucos minutos, soprando ar fresco sobre o meu corpo acalorado. Mas é tudo. O único movimento na casa, uma pequena mecha do meu cabelo a esvoaçar pelo meu rosto dominado pela angústia e pelo choque.

Já ouvi falar de bater no fundo. Já li sobre isso. Já o vi em algumas pessoas.

Achei que tinha batido no fundo, num tempo passado.

Mas estava errada.

Aqui e agora... estou bem lá no fundo.

Por fim, depois de uns cinco minutos de silêncio, Kelsey articula:

— Então, diria que o nosso nível de desespero é DEFCON 1.

Inclino para trás o meu copo e esvazio o resto do conteúdo.

— Pois — digo simplesmente.

Mais de trinta mil dólares em dívida, menos de três mil dólares na minha conta.

Não o suficiente para um sinal e primeiro mês de renda de um apartamento próprio.

Não o suficiente para pagar os meus empréstimos.

Não o suficiente para considerar como algum dinheiro a que recorrer.

Nada disso.

DEFCON 1 é precisamente com o que temos de lidar — uma guerra nuclear.

— Não ganhavas realmente muito, pois não? — questiona Kelsey.

— Não, não ganhava. — Pressiono a minha mão contra a testa, a

gravidade da situação começando realmente a penetrar-me. — Odeio ter de admitir, mas acho que vou ter de me dedicar ao *striptease*.

— O quê? — interpõe Kelsey.

— Sim, *striptease*. Já vi o quanto essas raparigas ganham. Uma pipa de massa! — Levanto a gola da *t-shirt* e espreito por baixo o meu corpo. — Tenho umas mamas jeitosas, talvez mais pequenas do que alguns gostariam, mas há quem goste, certo? São suficientemente empinadas. E consigo... balançar ao som da música.

— Os clubes de *strip* não estão à procura de pessoas que se balancem ao som da Taylor Swift, querem é que te reboles com sensualidade. Sabes rebolar?

— Nunca é tarde demais para aprender coisas novas. Rebolar é só mexer a pélvis, certo? Proponho procurarmos alguns clubes de *strip* para, enfim, sondar a concorrência. Ver o que faz erguer os pénis em Hollywood, nos dias de hoje.

— Digo-te desde já que não é o tipo de dança de dois passos esquerda-direita que tu fazes. Além de que a mãe te matava. E não sei se estás a entender que terias de dançar de tanga e com as mamas à vista de todos.

Rolo os meus olhos.

— Eu sei o que as *strippers* fazem. Não sou nenhuma idiota. — Dou uma pancadinha no meu queixo. — Achas que se fizesse um *piercing* no mamilo, isso aumentaria as minhas hipóteses?

Kelsey parece mesmo pensar sobre o assunto.

— Talvez... Espera, não. — Ela abana a cabeça. — Tu não vais ser *stripper*. Tem de haver uma ideia melhor do que exhibir a homens os teus dois passos de mamas à mostra. — Ela levanta-se e estende-me a mão. Ajuda-me a levantar também e, depois, diz: — Vamos dar uma volta. O ar fresco vai desanuviar-nos a cabeça. A bebida é sempre uma boa opção para esquecer, mas nós não podemos esquecer, porque, neste momento estamos em modo DEFCON 1. Precisamos de ideias, não de mágoas.

— Estás a dizer que não me posso espojar na minha desgraça?

Ela abana de novo a cabeça.

— Não. Não há tempo para espojar. A não ser que estejas disposta a contar à mãe...

— Nunca na vida!

— Então, calça os sapatos, porque temos de nos pôr a pensar.

Não me preocupando com ténis, enfio as minhas sandálias, trancamos a porta e saímos de casa. Kelsey atravessa a rua e vira à direita.

— Queres passear por The Flats?! — interpelo-a. — Queres deixar-me mais deprimida?

Arrastando os pés, sigo-a e iniciamos a nossa caminhada pelo bairro das mais elaboradas e sofisticadas casas de Los Angeles. Os passeios estão imaculados, sem uma racha sequer no cimento, e a relva está tão impecavelmente aparada que, olhando de relance, se pensaria ser relva sintética, de tão perfeita que está. Um misto de palmeiras e carvalhos antigos ladeiam a estrada, enquanto cascatas de arbustos e portões de ferro forjado protegem as moradas dos endinheirados.

— Isto é depressivo — digo, quando volto a esquina.

— Não, é inspirador. Tens de mudar de mentalidade. Quem sabe? Talvez ao andar por estas ruas, dêmos de caras com alguém cheio de dinheiro que queira trabalhar num caso de beneficência — tu.

— Que engraçadinha!

Ela ri-se.

— Mas agora a sério, nunca se sabe quem podemos encontrar. Nunca ouviste aquelas histórias de pessoas que conhecem um investidor num avião e, quando dão por ela, o seu produto está em todas as Target do país?

— Não — respondo eu. — Nunca ouvi essas histórias.

— Pois elas acontecem. Nunca se sabe quem podes encontrar. — Ela ri. — Podias encontrar um marido rico, a passear por estas ruas. — Ela relanceia-me, depois, olha-me de alto a baixo. — Bem, não vestida dessa maneira, mas...

— Sabes, isso é capaz de não ser uma má ideia — digo eu.

— O quê? Encontrar um marido rico? — pergunta Kelsey. — Mana, eu estava a brincar.

Mas na minha mente não é brincadeira. E, sim, pode ser a tequila — o pouco que bebemos — a falar, mas deve haver algum homem por aqui à procura de alguém com quem casar, certo? Algum solteirão em busca de uma traquinagem no seu colchão de luxo, que pode muito bem tornar-se numa ligação para a vida? Não me oponho a impressionar com os meus dotes sexuais para fisgar um homem. Relembrando, DEFCON 1.

— Não, isso podia ser uma opção.

— Jesus Cristo — dispara Kelsey em tom exasperado. — Lottie, sei como estás desesperada, mas temos de ser inteligentes no desespero. Arranjar um marido rico não é a solução para os teus problemas. O que é que vais fazer, casar-te na semana que vem?

— O amor pode ser fulgurante.

— Podes parar já por aqui; essa não é a solução. Precisamos de algo concreto, algo que possamos controlar.

— Não. — Gesticulo para as casas à nossa volta. — Olha para estes lugares. Não me vais dizer que todas essas pessoas vivem uma vida perfeita. Aposto que há por aí algum solteirão à procura de alguém que o aqueça durante a noite. — Aponto para o meu peito. — Essa pessoa posso ser eu. Sou calorosa. Tenho braços aconchegantes e estou disposta a passar ao ato. Não tenho qualquer problema com essa conduta.

— Minha Nossa Senhora — profere Kelsey, juntando as mãos e olhando para o céu.

Pego no meu telefone e abro o *browser*.

— O que é que estás a fazer? — pergunta Kelsey.

— A pesquisar como fisgar um marido rico.

— Lottie, perdeste o juízo. A sério, tu nunca estiveste numa situação tão má.

— Precisamente. O que significa que só pode melhorar. Oh, vê só! — Aponto para o meu telefone. — Um artigo sobre como impressionar os ricos. — Clico sobre ele e começo a ler. — Diz que eles gostam de tranças. — Levanto o olhar para Kelsey. — Os ricos gostam de tranças? As tuas clientes têm tranças no cabelo?

Kelsey reflete sobre aquilo.

— Quero dizer... acho que já trabalhei com algumas que tinham umas trancinhas engraçadas minúsculas no cabelo.

— OK, tranças: anotado.

— Lottie, não podes estar a falar a sério.

O desespero consome-me e uma vez fixada em algo que penso me irá salvar da minha atual situação, sigo em frente. Por isso... sim, estou a falar a sério.

— Roupa clássica, nada de escandaloso. — Desço o olhar para a minha *t-shirt*. — Achas que iam gostar desta *t-shirt* da Taylor Swift?

— Não — responde a Kelsey. — Ninguém gosta dessa *t-shirt*. Tem aberturas nos sovacos.

— A menos que tenhas experienciado a brisa que se recebe por essas aberturas nos sovacos, não podes opinar sobre o assunto. Mas fica a nota, os ricos podem não apreciar isso. — Percorro rapidamente o artigo. — Maquilhagem, conversa sofisticada. Conhecimento sobre um vasto leque de tópicos. — Reflito sobre aquilo. — Eu sei sobre muitas coisas?

— Que tipo de coisas?

Percorro de novo o artigo.

— Não diz, simplesmente um vasto leque de tópicos.

— Hmm, quer dizer, tu sabes muitos factos aleatórios sobre *reality shows*.

— É verdade. — Animo-me. — Isso pode ser interessante.

— Provavelmente não para alguém que ganha o suficiente para comprar uma casa de vinte e quatro milhões de dólares.

— Hmm, pois, talvez tenhas razão. Mas não há crise, eu dou uma vista de olhos pela Wikipédia e revejo alguns conhecimentos.

— Sim, porque a Wikipédia é o lugar certo para fazer isso — diz a Kelsey com sarcasmo, depois detendo-se para me encarar. — Temos verdadeiramente de nos focar aqui, Lottie. Encontrar uma ideia válida. Sei que isso não é o que queres fazer, mas talvez pudesses perguntar ao Ken se...

— Não — contraponho eu, afastando-me dela e continuando a andar pelas imaculadas ruas. — Eu não vou contactar o Ken.

— Mas ele arranjava-te um emprego, tu sabes que sim.

— O Ken está fora de questão. Antes esfregar as mamas na cara de um bêbado, do que ligar ao Ken.

— Só porque ele agora anda com a Angela?

O maxilar torna-se tenso, com o retorcer dos meus lábios.

— Não, simplesmente não me apetece rastejar de volta para o meu ex, que me deixou pela minha chefe depois de eu os apresentar. Implorar por um emprego na sua patética empresa de transporte marítimo, é coisa que nunca farei. A sério, as minhas mamas na cara de um bêbado, é algo bem mais apelativo.

— Tu sabes que ele te ia ajudar — pressiona Kelsey.

Abano a cabeça e, depois, dou meia volta para regressar a casa.

— Isto é inútil. Devíamos estar a pensar em ideias válidas, não para aqui às voltas, a desencantar opções como ligar ao meu ex para lhe pedir um emprego. Se queres que te diga, Kelsey, hoje não estás no teu melhor.

— Não dormi muito esta noite e acho que aquela mistura de margarita já estava fora de prazo. — Ela agarra o estômago.

Pego na mão dela e puxo-a de volta comigo.

— Esta ideia do ar fresco foi um fiasco.

— Melhor do que ficar sentadas no sofá com um jarro de margaritas.

— Discordo — interponho, enquanto um carro preto de vidros escuros avança na nossa direção. — A pessoa dentro desse carro podia muito bem ser a minha escapatória de toda esta embrulhada, sabes? Continuo a pensar que arranjar um marido rico é a solução.

— Estás a delirar. Vês isso, não? Sobretudo vestida como uma vagabunda sem trabalho. Ninguém vai querer nada contigo nesses preparos.

— Fica sabendo que estes são os meus melhores calções. Só têm três anos.

Kelsey bate palmas em câmara lenta para mim.

— Bravo, irmãzinha!

Atravessamos a rua e encaminhamo-nos para casa e o meu telefone apita na minha mão. Subimos pelo passeio, enquanto espreito o telemóvel.

E, então, estaco de repente.

Kelsey repara e questiona:

— O quê? O que foi? A mãe e o Jeff sabem que estamos em casa?

Abano a cabeça e mostro-lhe o telemóvel.

— A Angela mandou-me uma mensagem.

— Nããããão! — A Kelsey arranca-me o telefone das mãos e introduz a minha palavra-passe. Sim, somos próximas a esse ponto. — Que diabo quer ela?

— Não sei, tiraste-me o telefone.

Juntas, inclinamo-nos sobre ele e a Kelsey segura-o de modo a que ambos possamos ler.

Angela: Olá, miúda! Agora que tens tempo entre mãos, queres ajudar-me a planear a reunião de liceu? Dava-me jeito o teu toque de magia. És tão boa em tudo o que fazes!

— Mas que real trampa é esta?! — brada Kelsey. — Ela tem o descaramento de te mandar uma mensagem a pedir ajuda? Será que enlouqueceu de vez? «Agora que tens tempo entre mãos...»?! Lol, tu não tens tempo entre mãos por causa dela; tens de passar todo esse tempo à procura de um novo emprego!

Eu fito simplesmente a mensagem, incapaz de me mover. Perplexa que ela me tenha escrito tal coisa. Que ela pense que isso é aceitável, depois de me ter despedido.

Não é nada de pessoal...

Pois bem, para mim é pessoal.

Abano a cabeça.

— Ela é o ser humano mais execrável que alguma vez conheci.

— Fico contente que, finalmente, o percebas. — A Kelsey dá-me uma palmadinha nas costas e encoraja-me a entrar em casa, mas mantenho-me imóvel.

— De maneira nenhuma vou a essa reunião. E sabes porquê? Porque ela vai simplesmente passar o tempo todo a humilhar-me.

A Kelsey volta-me para ela e força-me a olhá-la nos olhos.

— Oh, tu vais a essa reunião! Estás a ouvir-me? Vais e vais aparecer com uma brasa de um tipo pelo braço, que vai fazer o Ken parecer um autêntico *troll* e a Angela babar de inveja.

— É daqui a dois meses. E neste momento, não tenho emprego, vivo com a minha mãe e tenho zero candidatos a borracho de levar pelo braço. — Aponto-lhe o dedo, frisando: — E se sugerires mesmo a brincar que contrate um acompanhante, considera o nosso vínculo de irmãs terminado. Estamos entendidas?

Ela assente com a cabeça.

— Entendido. Contratar um acompanhante não é opção. — Ela toca o queixo. — Vamos entrar, tentar resolver isto. Traçar um plano. Havemos de te tirar desta embrulhada, nem que isso signifique dormires no chão do meu apartamento por umas semanas.

— Eu aqui a pensar que tinha batido no fundo, e eis que me apresentas um fundo ainda mais baixo.

Kelsey: *Acabei de medir o meu estúdio. Uma outra cama de solteiro não vai caber aqui com a minha mobília. E se empilhássemos umas almofadas por baixo da minha mesinha redonda? Seria como uma espécie de beliche.*

Lottie: *Eu não vou ficar em tua casa.*

Kelsey: *Passámos todo o dia de ontem a tentar arranjar uma solução. É o melhor que consigo. Sabes que se pudesse, contratava-te para tratares de toda a parte financeira e eu podia focar-me mais no contacto com os clientes. Mas tu precisas de dinheiro.*

Lottie: *Trabalhar contigo seria um sonho, mas se quiser sair de casa da mãe, preciso de dinheiro. Mas não te preocupes. Eu trato do assunto.*

Kelsey: *O que queres dizer com «tratar do assunto»? Já te disse, nada de striptease, por muito fantásticas que sejam as tuas mamas!*

Lottie: *Não vou fazer striptease. Acho que os meus mamilos não estão prontos para esse tipo de exposição.*

Kelsey: *Nesse caso, até tenho medo de perguntar qual é o teu plano.*

Lottie: *Não digo que este seja o objetivo final, mas pelo menos é alguma coisa até perceber melhor.*

Kelsey: *Lottie, o que diabo estás a fazer?*

Lottie: *Estou simplesmente... a dar um passeio.*

Kelsey: *Oh, meu DEUS! Estás em The Flats, neste preciso momento?*

Lottie: *Não há mal nenhum num pouco de exercício. Tenho de pôr os músculos em movimento, estás a ver?*

Kelsey: *O que é que tens vestido? Se me disseres saltos e um vestido, vou já aí buscar-te. Isto não é nenhuma cena de Um Sonho de Mulher. Estás a ouvir-me? A Julia Roberts teve sorte com o Edward. E isso só acontece uma vez na vida.*

Lottie: *Isso era ficção.*

Kelsey: *Seja como for, o que é que tens vestido?*

Lottie: *(foto) Simples roupa de treino.*

Kelsey: *Estás a usar um soutien de desporto, sem t-shirt. Isso é chamativo.*

Lottie: *Exato e esta gente é chamativa. Um rabo de cavalo subido, para parecer abordável e divertida, com uma trancinha de lado, obviamente. Uns ténis brancos reluzentes, para sugerir que adoro jogar ténis. E ontem encontrei no chão uma garrafa de água Fiji, quando fingia voltar a casa do trabalho. Levei-a comigo, lavei-a e, agora, trago-a para parecer que compro água cara.*

Kelsey: *Argh! Estás a beber dela?!*

Lottie: *Credo, não! Não me apetece contrair sífilis. É apenas um adereço.*

Kelsey: *Um adereço? Desculpa, mas estás num filme e eu não sei de nada?*

Lottie: *Ainda não, mas de facto candidatei-me a um serviço de contratação de figurantes para televisão e cinema. Pode ganhar-se 40 dólares por dia. Em média.*

Kelsey: *Bem, nunca pensei ver-te assim, mas... caramba!*

Lottie: *O que queres dizer com isso?*

Kelsey: *Tu, excitada com a possibilidade de ganhares 40 dólares por dia, enquanto sondas as ruas em busca de um potencial solteiro rico, num bairro onde não te encaixas. LIGA AO KEN!*

Lottie: *SÓ POR CIMA DO MEU CADÁVER! Eu sinto-o, Kels. Para mim, chega. Hoje, a minha vida vai mudar, nem que isso signifique ter de passar aqui o dia todo, para cima e para baixo destas malditas ruas. Esta é a minha saída.*

Kelsey: *Quando voltares para casa, não te admires que te queiram internar. Porque estás a descer ainda mais fundo.*

Lottie: *Vou fazer-te engolir essas palavras. Espera para ver!*